

## Vivências e experiências musicais de pessoas trans na licenciatura: um estudo na Escola de Música da UFRN

### Comunicação

#### GTE 15 – Gênero e Sexualidade na Educação Musical

*Mário André Wanderley Oliveira*  
PPGMus/UFRN  
mario.andre@ufrn.br

*Theresa D'ávila Feitosa Alves*  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)  
theresafeitosaa@gmail.com

*Pamella Carneiro Silva*  
Escola de Música da UFRN  
pamellacs89@gmail.com

*Mariana Araújo da Silva*  
Escola de Música da UFRN  
arjmari@outlook.com

*Caeu Leonardo Nunes Santos*  
Escola de Música da UFRN  
caeu.santos.125@ufrn.edu.br

*Vic de Souza*  
Escola de Música da UFRN  
jooxsouza@gmail.com

**Resumo:** Este artigo investiga as vivências musicais acadêmicas e não acadêmicas de duas pessoas trans matriculadas no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), à luz de debates interseccionais sobre gênero, performance e educação musical. A pesquisa parte do pressuposto de que a cisheteronormatividade opera como um regime regulador que impacta profundamente o cotidiano universitário e artístico de pessoas trans. A partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, utilizou-se de dois estudos de caso com entrevistas semiestruturadas realizadas com uma mulher e um homem trans. Os blocos temáticos das entrevistas abordaram trajetória musical, desafios institucionais, construção identitária, redes de apoio e a relação entre identidade de gênero e prática musical. A análise dos dados permitiu evidenciar desafios entre pertencimento e exclusão nos espaços acadêmicos, além do destaque da música enquanto campo de resistência e afirmação de identidades de gênero. Fundamentado em estudos sobre a transgeneridade, teorias críticas da educação musical e debates sobre o ensino superior, o

trabalho reforça a necessidade de ambientes universitários mais plurais e seguros.

**Palavras-chave:** Pessoas trans; Educação musical; Cisheteronormatividade.

## Introdução

A presença de pessoas trans no ensino superior brasileiro tem crescido nas últimas décadas, impulsionada por políticas de inclusão, ações afirmativas e movimentos sociais que tensionam estruturas normativas historicamente excludentes. Contudo, esse ingresso ainda é marcado por inúmeras barreiras institucionais, relacionais e simbólicas, sobretudo em contextos acadêmicos e artísticos atravessados por concepções e práticas cisheteronormativas. Na área da música, essas dinâmicas são particularmente complexas, dada a centralidade do corpo, da performance e de repertórios culturais que reproduzem muitas vezes modelos de gênero rígidos e normativos.

Este trabalho apresenta reflexões a partir de um estudo do GRUMUS, que tem como objetivo investigar as vivências musicais – acadêmicas e não acadêmicas – de duas pessoas trans matriculadas no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com uma mulher e um homem trans, buscamos desvelar suas trajetórias musicais, as motivações que os/as levaram ao curso, os desafios enfrentados ao longo da formação e os sentidos atribuídos às suas identidades no fazer musical.

A pesquisa parte do pressuposto de que a cisheteronormatividade, enquanto regime regulador de corpos e práticas, impacta profundamente as experiências de pessoas trans na universidade e na educação musical. Nesse sentido, o estudo não apenas busca dar visibilidade a essas vivências, mas também contribuir para a construção de ambientes mais acolhedores, éticos e plurais nas instituições de ensino e nos espaços musicais.

## Revisão bibliográfica

A escuta das trajetórias de pessoas trans na educação musical demanda o entrelaçamento de três campos conceituais principais: os estudos trans e de gênero, os estudos críticos da educação musical e as discussões sobre acolhimento e pertencimento no ensino superior.

No campo dos estudos de gênero e sexualidade, autores como Judith Butler (2003), Paul B. Preciado (2008) e Berenice Bento (2017) têm contribuído para a compreensão das identidades trans como produções políticas e corporificadas que desafiam as normas de inteligibilidade de gênero. Em particular, Bento destaca o caráter violento das normas cisheteronormativas que estruturam o cotidiano de pessoas trans, inclusive no acesso à educação. A universidade, longe de ser um espaço neutro, reproduz tais normas, ainda que muitas vezes de maneira institucionalmente não explicitada. Antes disso, Butler já questionava os conceitos fixos de gênero, desconstruindo a vestimenta binária da performatividade, tradicionalmente, compreendendo corpos como “recipientes passivos de uma lei culturalmente inexorável” (Butler, 2003, p. 26).

Esse panorama é evidenciado também nos estudos de Yanaêh Vasconcelos Mota (2024), cuja tese de doutorado investigou as trajetórias de pessoas trans\* e travestis que se tornaram docentes de música. A partir de entrevistas narrativas com duas professoras travestis e um professor transmasculino, Mota (2024) demonstrou como o processo de tornar-se docente exige a constante negociação da própria existência enquanto sujeito dissidente de gênero, em contextos educacionais marcados por violências institucionais, precariedade e disputas por reconhecimento. A autora destaca ainda o papel central da construção de espaços seguros e da escuta ética como condição para a permanência e a atuação docente de pessoas trans e travestis, evidenciando que o pertencimento nesses espaços não é dado, mas conquistado a duras penas em contextos muitas vezes hostis.

Em diálogo com essas reflexões, destaca-se também a contribuição do trabalho de Silva e Mota (2021), que narra a experiência de um estudante trans não-binário no curso de Licenciatura em Música da UFRN. A partir de uma entrevista narrativa realizada com Jon/Jo, os autores discutem os desafios de afirmação identitária enfrentados no cotidiano acadêmico-musical, tais como a divisão binária das vozes no canto coral, a invisibilidade no curso e a ausência de discussões interseccionais sobre gênero, raça e classe. Apesar disso, o relato é atravessado por uma pulsão transformadora, que aposta na música como possibilidade de criação de espaços de acolhimento e reconhecimento.

Outro importante aporte à discussão sobre transgeneridade e formação em música é trazido por Tarcísio Ferreira (2020), em um relato de experiência que articula elementos autobiográficos e reflexões teóricas a partir de sua vivência como homem trans em um curso de Licenciatura em Música. Orientado por leituras interdisciplinares e pelo diálogo com pares

e coletivos de pesquisa, o texto revela as intersecções entre identidade de gênero, trajetória musical e processos formativos, oferecendo um testemunho sensível e politicamente engajado. As experiências de Tarcísio Ferreira contribuem de forma significativa para a discussão sobre transgeneridade e formação docente na Educação Musical. Em seu relato autobiográfico, o autor articula suas vivências musicais com reflexões sobre identidade de gênero, exclusão social e a invisibilidade da população trans nos espaços educacionais. O texto evidencia como a cisheteronormatividade atravessa tanto o cotidiano universitário quanto os espaços de formação musical, gerando situações de violência simbólica, desrespeito ao nome social e constrangimentos recorrentes.

Tarcísio relata os desafios enfrentados desde a infância, quando já não se reconhecia no corpo e nos códigos de gênero que lhe foram impostos, até o ingresso no curso de licenciatura, marcado por episódios de transfobia institucional. Ao mesmo tempo, destaca o papel da música como espaço de construção identitária e resistência, apontando que sua escolha pela docência é também uma escolha política, motivada pelo desejo de representar e abrir caminhos para outras pessoas trans na educação musical.

O autor propõe, de forma contundente, o “transicionamento da Educação Musical”, defendendo que não apenas a pessoa trans muda, mas todas as pessoas à sua volta também são convocadas à transformação. Sua narrativa amplia o debate sobre pertencimento, representatividade e formação docente, reforçando a urgência de que a educação musical assuma um compromisso ético com a diversidade de corpos, vozes e existências.

Esses estudos brasileiros convergem com a literatura internacional sobre educação musical crítica, que tem se debruçado sobre as formas como os discursos musicais, currículos e práticas pedagógicas contribuem para a manutenção de hegemonias culturais, raciais e de gênero (Allsup, 2016; Lamb, 2011; Koza, 1993). No Brasil, pesquisadores/as como Costa (2019), Santos (2021) e Lopes (2022) também vêm apontando a necessidade de tornar a educação musical um campo mais atento à diversidade de corpos, vozes e experiências, valorizando a escuta das diferenças como princípio pedagógico e epistemológico.

Por fim, destacamos os estudos sobre permanência, redes de apoio e construção de espaços seguros para estudantes LGBTIAPN+ no ensino superior. A partir desse referencial, compreende-se que a trajetória musical de pessoas trans não pode ser analisada de forma descolada de seus contextos sociais, das violências simbólicas que enfrentam e das relações

que estabelecem com seus corpos e com a cultura musical. As vivências musicais, nesse sentido, não apenas espelham exclusões estruturais, mas também se tornam territórios de criação, resistência e reinvenção de si.

## Metodologia

Este estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, baseada em dois estudos de caso, com foco nas vivências musicais de duas pessoas trans – uma mulher trans e um homem trans – matriculadas no curso de Licenciatura em Música da Escola de Música da UFRN. Adotamos a entrevista semiestruturada como principal técnica de coleta de dados, considerando seu potencial para acolher narrativas subjetivas, contextuais e complexas, em diálogo com a proposta de uma escuta sensível e não normativa.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro elaborado especificamente para esta pesquisa, composto por blocos temáticos que abordam: a trajetória musical (acadêmica e não acadêmica); os desafios enfrentados no campo da música e no ambiente universitário; os processos de construção identitária; as relações entre identidade de gênero e fazer musical; e a presença ou ausência de redes de apoio e espaços seguros em seus percursos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi previamente disponibilizado às pessoas participantes, garantindo que todas as informações sobre objetivos, metodologias, riscos e formas de uso dos dados fossem plenamente compreendidas antes do início das entrevistas. A escuta foi precedida de uma apresentação oral do projeto e de um momento de acolhimento, buscando garantir o máximo conforto às pessoas participantes.

O tratamento e a análise dos dados foram conduzidos a partir de uma abordagem narrativa, com atenção especial aos sentidos atribuídos pelos/as entrevistados/as às suas experiências, às expressões de resistência e potência, e às marcas da cisheteronormatividade em seus discursos. Com o intuito de preservar a privacidade e garantir a segurança dos participantes envolvidos neste estudo de caso, optou-se pela utilização de pseudônimos João e Maria na apresentação dos dados coletados. A pesquisa respeita os princípios éticos da

escuta responsável e uso consciente das narrativas, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016.

## Resultados e Discussão

As narrativas de Maria e João são atravessadas por múltiplas camadas de sentido, nas quais a música se apresenta como linguagem de expressão subjetiva, campo de tensão institucional e espaço de (re)construção identitária. Ainda que vivam experiências singulares, marcadas por momentos distintos de transição de gênero — Maria antes de ingressar na graduação e João durante o curso —, ambas revelam como a cisheteronormatividade opera como estrutura reguladora nos ambientes formativos e artísticos.

Logo no início de sua entrevista, Maria compartilha um dos momentos fundantes de sua relação com a música:

*Cresci cantando na igreja... Foi na igreja que me conheci como uma pessoa que cantava muito... inclusive me entendi como mulher também, porque eu nunca consegui me encaixar. Por exemplo, eu não cantava músicas de homens. A minha voz era aguda, e aí diziam: "reclama com Deus, que foi assim que Ele fez".*

Nesse excerto, a música não aparece apenas como prática expressiva, mas como instância de identificação e de conflito. A distinção entre “músicas de homens” e as canções que Maria se sentia autorizada (ou compelida) a cantar aponta para os limites da musicalidade institucionalizada nas igrejas, que reforça papéis de gênero fixos por meio da voz, do timbre e da performatividade. A fala também evidencia o papel da escuta e da vocalidade como dimensões profundamente generificadas da experiência musical, nas quais a afinação, o alcance vocal e a estética sonora são avaliadas a partir de normas cisnormativas.

João, por sua vez, reflete sobre sua entrada no mundo musical e o papel da educação religiosa nesse processo:

*Comecei na música na igreja. Lá tinha uma orquestra e aulas de teoria musical. Eu queria tocar guitarra, mas como a guitarra não podia entrar na orquestra, fui para o violino. A gente tinha que fazer quase um ano de teoria antes de poder pegar no instrumento... Eu até ia escrever sobre isso no TCC, porque acho que dá para aprender as duas coisas juntas.*

O relato de João evidencia uma forma bastante disciplinar de educação musical, pautada por etapas rígidas e por uma separação entre teoria e prática. A opção pelo violino, mediada pela lógica da orquestra religiosa, demonstra como certos instrumentos — associados a repertórios “nobres” ou “sérios” — acabam sendo socialmente privilegiados. Ao mesmo tempo, nota-se o início de uma postura crítica em relação aos modelos de ensino que hierarquizam saberes e controlam o acesso aos instrumentos, o que poderá ser importante na construção de sua identidade docente

Na experiência universitária, Maria relata com força e emoção as dificuldades enfrentadas:

*Eu tinha que escolher se eu comia ou se eu tinha a passagem... Eu via aquele sentimento de esforço, de estar me esforçando muito, mas tendo que ficar para trás. Porque minha base não era a mesma. Não tinha estabilidade, não tinha quem me segurasse. Então, eu fui construindo a universidade do meu jeito. Não para vencer, mas para não morrer tão rápido.*

Essa fala ilustra com intensidade a precariedade material e afetiva que marca a trajetória de muitas pessoas trans, negras e periféricas no ensino superior. A frase “não para vencer, mas para não morrer tão rápido” sintetiza uma ética da sobrevivência que vai além da narrativa meritocrática do “superar obstáculos”. O ato de “construir a universidade do meu jeito” não é apenas individual, mas político — aponta para formas alternativas de estar e permanecer na instituição, desafiando os modelos normativos de sucesso e pertencimento.

João também menciona desafios ligados à sua transição de gênero e aos efeitos nas relações acadêmicas:

*Depois da minha transição, quando voltei das férias, mudei o nome social no sistema. A maioria dos professores foi muito compreensiva, mas alguns estudantes ainda insistem em usar meu nome antigo. Dizem que é difícil mudar, mas continuam errando. Às vezes parece mais uma desculpa para manter o erro do que um esforço real de respeito.*

A experiência de João evidencia a cisnormatividade como prática relacional e cotidiana, que se manifesta não apenas na recusa explícita, mas na negligência, na insistência em performances anteriores, na indiferença afetiva. A possibilidade de alterar o nome no sistema é importante, mas insuficiente diante de vínculos interpessoais marcados por memórias de gênero. Aqui, torna-se evidente que o reconhecimento institucional precisa ser acompanhado de processos de sensibilização coletiva, escuta ética e responsabilidade compartilhada.

A música, para Maria, é lugar de performance, elaboração e denúncia. Em uma das passagens mais densas de sua fala, ela afirma:

*Tudo que eu quero que percebam é o que eu sou. Não sou só aquela dor. Eu sei tocar, dançar, compor... quero mostrar que eu também estou bem, que sei fazer coisas lindas. Mas também quero que saibam que tomei pancada, que aceitei o caos e que continuo.*

A narrativa de Maria se constrói a partir da tensão entre vulnerabilidade e potência. A cisão entre “ser apenas dor” e “mostrar beleza” aponta para a complexidade da representação pública de pessoas trans, que frequentemente são reduzidas à dor ou fetichizadas na superação. Maria reivindica uma existência inteira — que dança e sofre, que cria e luta, que performa e resiste. Sua fala ressoa com o conceito de performance como ato político e poético de reinvenção de si.

Na perspectiva de João, a transição contribuiu para uma mudança também na maneira de se relacionar com o ensino e com a música:

*Depois que me entendi como pessoa transmasculina, comecei a me sentir mais confortável comigo mesmo. Isso afetou diretamente como eu ensino. Porque quando você está desconfortável com a sua imagem, com o seu corpo, com a forma como o outro te vê... isso atravessa a aula, atravessa o som. Agora, consigo me abrir mais, consigo me mostrar.*

Aqui, o processo de transição não é apenas uma reconfiguração de identidade, mas uma reorientação da escuta, da corporeidade e da pedagogia. A musicalidade, como prática situada e encarnada, é afetada pela forma como a pessoa se sente consigo, com sua voz, com sua imagem. João aponta para uma pedagogia da integridade, em que o corpo do professor ou da professora não é um canal neutro de transmissão de saberes, mas presença que comunica, que afeta e é afetada.

Em ambas as narrativas, o futuro aparece como projeto de transformação coletiva. Maria fala sobre o desejo de trabalhar com outras culturas e com repertórios não hegemônicos: “Quero ressignificar o que é regional, o que é humano... trabalhar com outras culturas, com o que não é pop, com o que já existe, mas não é explorado”.

Essa proposição aponta para uma educação musical que desnaturalize a centralidade da música eurocêntrica, que valorize saberes locais e práticas periféricas, em sintonia com os estudos decoloniais da música.

João, por sua vez, reforça sua identificação com o magistério musical: “Gostei muito de dar aula... me identifiquei. Quero continuar, quero ensinar música de um jeito que respeite quem está aprendendo. Porque eu sei o que é não se sentir respeitado”. Essa afirmação sintetiza uma ética docente baseada na escuta e na empatia, forjada na própria experiência de exclusão e resistência. Ensinar, aqui, não é apenas ofício, mas modo de refazer o mundo em outras bases, com outros pactos de reconhecimento.

As falas de Maria e João desafiam a universidade e o campo da música a se repensarem para além de seus marcos hegemônicos. Elas denunciam, mas também propõem. Criticam, mas constroem. Suas vozes afirmam que é possível reinventar o ensino musical como prática plural, ética e comprometida com a diversidade de corpos, saberes e existências.

## Considerações finais

Este estudo buscou lançar luz sobre as vivências musicais de pessoas trans no curso de Licenciatura em Música da UFRN, revelando como a cisheteronormatividade permeia como um regime regulador. Através das narrativas de Maria e João, pudemos evidenciar a interseção entre identidade de gênero, trajetória musical e os desafios institucionais e relacionais enfrentados nesse percurso.

As experiências compartilhadas ressaltam que a presença de pessoas trans na universidade, embora crescente, é frequentemente marcada por precariedade material e afetiva, além de violências simbólicas que se manifestam na recusa do nome social, na negligência e na indiferença do uso correto dos pronomes. Ao mesmo tempo, suas trajetórias apontam para a potência da música como espaço de reinvenção identitária, performance política e elaboração sensível da existência.

Os relatos apresentados neste estudo configuram-se como atos de enunciação que interpelam a universidade e a educação musical em seus fundamentos. Constroem, com coragem e beleza, modos plurais de habitar os espaços formativos, reivindicando não apenas reconhecimento, mas transformação. Suas vozes demandam uma escuta ética, comprometida com o acolhimento, a dignidade e a multiplicidade das experiências humanas.

Este trabalho reforça a urgência de que os cursos de Licenciatura em Música se abram às discussões interseccionais sobre gênero, raça, classe e sexualidade, e que tais discussões não sejam restritas a disciplinas pontuais, mas atravessadas transversalmente em currículos, metodologias e relações didático-pedagógicas. A presença de pessoas trans no ensino superior não pode ser tratada como exceção ou tolerada sob a lógica da adaptação individual. Ela deve convocar à revisão de práticas e concepções, na direção de uma educação musical crítica, afetiva e transformadora.

Assim, afirmamos que o ensino de música, quando comprometido com a escuta das diferenças, pode se tornar um campo fértil para o florescimento de subjetividades, para a construção de comunidades de pertencimento e para a promoção de uma pedagogia que respeite e celebre a diversidade de corpos, vozes e existências. Mais do que adaptar-se à diversidade, é necessário deslocar os paradigmas hegemônicos que sustentam exclusões. Mais do que reconhecer presenças, é urgente transformar as estruturas. Mais do que incluir,

é preciso deslocar. Mais do que adaptar, é necessário transformar. Reforçamos a urgência de construir ambientes universitários mais acolhedores e comprometidos com a diversidade de corpos, vozes e existências, pavimentando o caminho para uma educação musical genuinamente inclusiva e ética.

## Referências

ALLSUP, Randall Everett. *Remixing the Classroom: Toward an Open Philosophy of Music Education*. Bloomington: Indiana University Press, 2016.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KOZA, Julia Eklund. The “Missing Males” and Other Gender Issues in Music Education: Evidence from the Music Supervisors Journal, 1914–1924. *Journal of Research in Music Education*, v. 41, n. 3, p. 212–232, 1993.

LAMB, Roberta. “Where are the girls?” and other gender equity issues in music education. *Action, Criticism & Theory for Music Education*, v. 10, n. 2, p. 1–15, 2011.

MOTA, Yanaêh Vasconcelos. *Transgeneridade e docência de música: narrativas de pessoas trans e travestis sobre o processo de tornar-se professor/as de música\**. 2024. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SANTOS, Rute Luiza da Silva. Vozes femininas e violências de gênero no ensino de música: experiências de mulheres no curso de licenciatura em música da UFRN. *Opus*, Belo Horizonte, v. 27, p. 1–27, 2021.

SILVA, Jo Muniz da; MOTA, Yanaêh Vasconcelos. “Como um peixe fora d’água”: narrativa de um estudante trans não-binário no curso de Licenciatura em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *Anais do XXV Congresso da ABEM*, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://abemeduacaomusical.org.br/revista/index.php/abem/article/view/1089>. Acesso em: 27 jun. 2025.

VIANA, Carolina Pinto; DELGADO, Igor Matheus; ROSA, Anderson; NEVES, Vanessa Ribeiro; SIQUEIRA, Lucíola D’Emery. Transgender students’ experience at college. *Acta Paul Enferm*, v. 35, eAPE01966, Aug. 2022.